

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor,
o texto completo deste trabalho
será disponibilizado somente
a partir de
17/07/2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis

HUGO HIGINO PEREZ DE ANDRADE

MEMÓRIAS DE INFÂNCIAS EM NARRATIVAS DISSIDENTES DO SISTEMA
SEXO/GÊNERO: cartografando modos de existências na cidade de Jauru - Mato Grosso.

Assis
2026

HUGO HIGINO PEREZ DE ANDRADE

**MEMÓRIAS DE INFÂNCIAS EM NARRATIVAS DISSIDENTES DO SISTEMA
SEXO/GÊNERO:** cartografando modos de existências na cidade de Jauru - Mato Grosso.

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Lemos Souza

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2022/01020-4)

Assis
2026

A553m	Andrade, Hugo Higino Perez de Memórias de infâncias em narrativas dissidentes do sistema sexo/gênero : cartografando modos de existências na cidade de Jauru - Mato Grosso. / Hugo Higino Perez de Andrade. -- Assis, 2026 205 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientadora: Leonardo Lemos de Souza 1. Infâncias dissidentes. 2. Cisheteronormatividade. 3. Colonialidade. 4. Processos de subjetivação. 5. Micropolíticas do desejo. I. Título.
-------	--

IMPACTO SOCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa revela como a colonialidade e a cisheteronormatividade moldam e ferem infâncias dissidentes, oferecendo ferramentas teórico-metodológicas que permitem desnaturalizar essas violências e afirmar políticas do desejo capazes de produzir mundos mais habitáveis para crianças LGBTI+.

SOCIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The research examines how coloniality and cisheteronormativity shape and harm dissident childhoods; moreover, it offers theoretical-methodological tools that enable the denaturalization of these forms of violence and, consequently, the affirmation of politics of desire capable of producing more livable worlds for LGBTI+ children.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE HUGO HIGINO PEREZ DE ANDRADE, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 17 de dezembro de 2025, às 10h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de HUGO HIGINO PEREZ DE ANDRADE, intitulada **MEMÓRIAS DE INFÂNCIAS EM NARRATIVAS DISSIDENTES DO SISTEMA SEXO/GÊNERO: cartografando modos de existências na cidade de Jauru - Mato Grosso**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. WILIAM SIQUEIRA PERES (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof(a). Dr(a). RAQUEL PEREIRA GONÇALVES (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de Rondonópolis, Profa. Dra. FLÁVIA CRISTINA SILVEIRA LEMOS (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal do Pará (UFPA), Profa. Dra. AMANA ROCHA MATTOS (Participação Virtual) do(a) Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO _ _ . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Documento assinado digitalmente
 LEONARDO LEMOS DE SOUZA
Data: 17/12/2025 13:20:49-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA

Para minha mãe.

Sua partida abrupta abriu uma ferida irreparável — e é a partir dela que escrevo. Que esta tese honre sua força e transforme o luto em mundo, o sofrimento em política, e o amor em uma linha de fuga que me acompanhará pela vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus guias e orixás, que, até aqui, têm me sustentado, aberto caminhos e abençoado meus dias.

À minha mãe, Solange, *in memoriam*, vítima da pandemia, por ter me incentivado a estudar, a me arriscar e a fazer do conhecimento a minha possibilidade de transformar a dor em vida.

Ao meu irmão Rodrigo, por todo o apoio oferecido em meio às crises e ao sofrimento psíquico. Sua presença foi fundamental para que eu não desistisse.

Agradeço ao meu orientador, Leonardo Lemos de Souza, amigo e companheiro de pesquisa. Obrigado pelo cuidado, pela generosa acolhida e pela orientação perspicaz. Mesmo nos momentos de dúvida, você apostou em mim com generosidade.

Às amigas Larissa e Adriana: a primeira, pelo apoio emocional nos momentos mais difíceis da execução do projeto; a segunda, por não soltar minha mão quando a realidade se rompeu e eu me perdi entre ilusões e fantasmas.

Aos colegas do grupo de pesquisa, na figura de Rômulo e Davi, parceiros de escrita, gentis e prestativos e, sobretudo, implicados na produção de conhecimento socialmente relevante.

Aos colegas de turma da Pós-Graduação, na figura de Anny, amiga que partilha comigo a mesma origem na graduação em Psicologia pela UFMT.

Aos professores da Pós-Graduação, na figura do Prof. Dr. Silvio Yasui, por nos proporcionar uma formação singular, marcada pela experiência e pelo engajamento na luta por uma sociedade melhor.

Aos integrantes da Banca Examinadora, na figura da Prof.^a Dr.^a Raquel, minha orientadora de mestrado e parceira de publicações, e do Prof. Dr. Willian, com quem tive aulas e a oportunidade de escrever textos fundamentais para esta tese. As contribuições da banca foram decisivas para que este trabalho alcançasse sua melhor versão possível.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UNESP /Assis pelo apoio institucional, e todo suporte no processo de realização da pesquisa.

À FAPESP, processo nº 2022/01020-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

A Ricardo e Walter, que se dispuseram a compor esta pesquisa por meio de suas histórias e trajetórias. A contribuição de vocês foi fundamental para uma produção intelectual localizada, implicada e, acima de tudo, eticamente responsável.

“Que as sombras que me fizeram sobreviver se aproximem.
Chamem meu nome como quem chama um ferido de volta.

**Protejam este corpo, que aprendeu cedo
que viver é desobedecer em silêncio.**

Que cada cicatriz se levante como sentinela.
Que cada lembrança dolente vigie meus passos.

Que a violência que me atravessou

Não se torne museu —

seja faca afiada de pensamento.

Eu invoco as vozes que o mundo quis matar:

as que tremem,

as que rangem,

as que falam desde o subterrâneo da alma.

Que elas me acompanhem quando a teoria me falhar,

quando a razão se encolher,

quando a norma tentar me apagar de novo.

**Que o desejo que me move, indomável,
não permita que eu me acomode.**

Que eu fuja quando precisar fugir,

que eu lute quando não houver saída,

que eu renasça mesmo contra o impossível.

Que eu caminhe na escuridão com a ousadia dos que sabem

que só quem já foi ferido

pode enxergar o que se esconde entre mundos.

**E que, quando tentarem me calar,
minha língua *mestiza* volte mais forte,**

mais áspera,

mais perigosa.

Pois eu sou feito de restos insurgentes,

e no **fundo da noite**

— onde nada deveria sobreviver —

escolho continuar”.

“Restos Insurgentes” – Hugo Andrade

RESUMO

A tese investiga como a colonialidade e a cisheteronormatividade estruturam as políticas de produção de subjetividades nas infâncias, especialmente nas trajetórias de crianças que, posteriormente, se reconhecem como LGBTI+. Analisa-se como o regime colonial-capitalístico molda percepções, afetos, sentidos e formas de existir, capturando o desejo desde cedo e orientando-o para a manutenção das normas vigentes. A infância é examinada não apenas como uma etapa biográfica, mas como um estado vital atravessado pela inexperiência, pelo assombro e pela potência inventiva, estado esse progressivamente silenciado por dispositivos sociais voltados à formação de sujeitos ajustados ao ideal moderno de humanidade. A pesquisa adota a cartografia como método e constrói uma perspectiva fronteiriça e implicada, desde a proposição de *conciencia mestiza*, a qual implica em um entendimento da produção de subjetividade e de inteligibilidade no choque/entrecruzamento cultural, linguístico e político, articulando dimensões autobiográficas por meio da análise de autohistórias produzidas por três homens gays que viveram suas infâncias em um pequeno município do interior matogrossense na década de 1990. A partir desses relatos, reconstrói-se o mapeamento dos fluxos de desejo, das violências cotidianas, dos processos de retração e afirmação, bem como das forças de captura e das linhas de fuga. Demonstra-se como família, escola, igreja e comunidade operam como dispositivos que reforçam a cisheteronormatividade, disciplinam performances de gênero e organizam expectativas de futuro, produzindo vergonha, culpa e silenciamento como elementos centrais da experiência. A análise evidencia que cada trajetória comporta singularidades moduladas por raça, classe, religião, território e redes de apoio, o que inviabiliza a noção de uma narrativa universal de “infância gay”. Ainda assim, identificam-se padrões recorrentes, tais como o silenciamento, o retraimento do desejo, a persistente sensação de inadequação e a presença de pedagogias morais que associam a dissidência à falha, ao pecado ou ao desvio. Paralelamente, o estudo revela a existência de linhas de fuga que possibilitam a construção de territórios próprios de sobrevivência — como amizades, espaços de expressão artística ou percursos intelectuais — capazes de reativar o desejo e engendrar outras formas de viver. A tese sustenta, por fim, que o desejo atua como força produtiva e que, mesmo sob captura, insiste em criar. Evidencia-se que a violência não esgota a vida, uma vez que processos de resistência emergem no confronto entre formas herdadas e forças que demandam passagem. Afirma-se, assim, que a infância dissidente, embora marcada pela ferida colonial, produz invenções, deslocamentos e mundos possíveis. O trabalho propõe que políticas de cuidado, educação e pesquisa passem a reconhecer a infância como potência, e não como problema a ser corrigido, defendendo que as experiências das infâncias dissidentes constituem saberes situados capazes de orientar práticas que rompam com a naturalização da cisheteronormatividade e ampliem as condições de vida de crianças que escapam da norma.

Palavras-chave: infâncias dissidentes; cisheteronormatividade; colonialidade; processos de subjetivação; micropolíticas do desejo.

ABSTRACT

The thesis investigates how coloniality and cisheteronormativity structure the politics of subjectivation in childhood, especially along the trajectories of children who later come to recognize themselves as LGBTI+. It examines how the colonial-capitalist regime shapes perceptions, affects, meanings, and ways of existing, capturing desire early on and channeling it toward the maintenance of prevailing norms. Childhood is approached not only as a biographical stage but as a vital state traversed by inexperience, wonder, and inventive potency—a state progressively silenced by social dispositifs geared toward forming subjects adjusted to the modern ideal of humanity. The study adopts cartography as a method and builds a border-based and implicated perspective grounded in the proposition of *la conciencia mentiza*, which entails understanding how subjectivity and intelligibility are produced through cultural, linguistic, and political collision/entanglement. It articulates autobiographical dimensions through an analysis of self-histories produced by three gay men who lived their childhoods in a small municipality in the interior of Mato Grosso during the 1990s. From these accounts, the thesis reconstructs a mapping of desire's flows, everyday violences, processes of withdrawal and affirmation, as well as forces of capture and lines of flight. It demonstrates how family, school, church, and community operate as dispositifs that reinforce cisheteronormativity, discipline gender performances, and organize expectations of the future, producing shame, guilt, and silencing as central elements of experience. The analysis shows that each trajectory contains singularities modulated by race, class, religion, territory, and support networks, which makes untenable the notion of a universal narrative of "gay childhood." Even so, recurring patterns are identified, such as silencing, the withdrawal of desire, a persistent sense of inadequacy, and the presence of moral pedagogies that associate dissidence with failure, sin, or deviance. In parallel, the study reveals lines of flight that enable the construction of one's own territories of survival—such as friendships, spaces for artistic expression, or intellectual pathways—capable of reactivating desire and engendering other ways of living. Finally, the thesis argues that desire operates as a productive force and that, even under capture, it persists in creating. It shows that violence does not exhaust life, since processes of resistance emerge in the confrontation between inherited forms and forces that demand passage. It thus affirms that dissident childhood, although marked by the colonial wound, produces inventions, displacements, and possible worlds. The work proposes that policies of care, education, and research come to recognize childhood as potency rather than as a problem to be corrected, arguing that the experiences of dissident childhoods constitute situated knowledges capable of guiding practices that break with the naturalization of cisheteronormativity and expand the conditions of life for children who escape the norm.

Keywords: dissident childhoods; cisheteronormativity; coloniality; subjectivation processes; micropolitics of desire.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O CARTÓGRAFO MESTIZO / DAS FRONTEIRAS	17
3	CARTOGRAFIAS MESTIZAS: ABERTURA PARA DECOLONIALIDADE E OS SABERES FRONTEIRIÇOS	34
3.1	CARTOGRAFIA: DESEJO, INCONSCIENTE E POLÍTICAS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES	35
3.2	MODERNIDADE/COLONIALIDADE/DECOLONIALIDADE: MATRIZ COLONIAL DE PODER E A DESOEDIÊNCIA EPISTÊMICA COMO OPÇÃO DESCOLONIAL	47
3.3	DIFERENÇA COLONIAL E LA CONCIENCIA MESTIZA: HABITAR FRONTEIRAS E INVENTAR NOVOS MUNDOS	59
3.4	DESOEDIÊNCIA EPISTÊMICA E CARTOGRAFIA MESTIZA: ALIANÇAS AFETIVAS E AUTOHISTÓRIA NA PRODUÇÃO DE SABERES DESOEDIENTES	69
4	DESCOLONIZANDO A INFÂNCIA: UM BREVE HISTÓRICO DA INFÂNCIA E NOVAS MANEIRAS DE PENSAR A INFÂNCIA	80
4.1	OS GÊNEROS E AS SEXUALIDADES: UMA BREVE TRAJETÓRIA DESCOLONIAL DA INFÂNCIA DESDE AS FRONTEIRAS E BORDAS DA COLONIALIDADE	82
4.2	OUTROS MODOS DE PENSAR A INFÂNCIA: POR UMA POLÍTICA DESCOLONIAL DAS INFÂNCIAS	94
4.3	DESCOLONIZANDO A INFÂNCIA: PORTADORAS DE BOAS NOVAS, RECÉM-CHEGADAS, FÁBRICA DE INVENTAR MUNDOS	98
5	O REGIME DE INCONSCIENTE COLONIAL-CAPITALÍSTICO E AS INFÂNCIAS: POLÍTICAS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES	101
5.1	O INCONSCIENTE E AS POLÍTICAS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES	102
5.2	INFÂNCIAS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE GÊNEROS E SEXUALIDADES: MICROPOLÍTICAS ATIVAS E REATIVAS DO DESEJO	109
5.3	CARTOGRAFIAS MESTIZAS, AUTOHISTÓRIAS E ALIANÇAS AFETIVAS: CONFIGURAÇÃO, DELIMITAÇÃO E ANÁLISES DESDE AS FRONTEIRAS	116

6	MICROPOLÍTICAS DO DESEJO EM INFÂNCIAS DISSIDENTES: ENTRE A VIOLÊNCIA E A CISHETERONORMATIVIDADE A POSSIBILIDADE DE REINVENTAR-SE	120
6.1	RICARDO, O FILHO DO BANCÁRIO	122
6.2	WALTER, O MENINO DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS	151
6.3	HUGO, O MENINO QUE ESCREVE A TESE.....	169
6.4	CRUZANDO AS TRAJETÓRIAS: ENCONTROS E DESENCONTROS.....	187
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
	REFERÊNCIAS	197

1 INTRODUÇÃO

“Chamo minha criança ancestral.
Aquele que dançava antes de saber seu nome,
que falava com os ossos da terra,
que pressentia perigo no ar
e ainda assim seguia — indomada.

Venha, espírito pequeno e furioso.

Retorne pelo sopro quente da memória,
pelo rastro de fogo que deixaram no teu corpo,
pelas marcas que nunca cicatrizaram
pois eram portais.

Que isso me atravesse.

Que sua força conduza meu pensamento,
que sua visão abra meus olhos,
que sua fúria sagrada acenda meu desejo.

Infância livre, espírito indestrutível—

tu que escapaste às amarras,
tu que sobreviveste ao medo,
tu que dançaste apesar da dor,
guia minha mão quando eu escrever,
meu corpo quando eu enfrentar,
minha voz quando eu nomear o mundo.

**Eu te oferto meu presente
para que possas guiar meu futuro.**

E que cada passo meu seja um rito,
cada palavra, um feitiço,
cada silêncio, um golpe contra o que tenta nos apagar.

Que a criança em mim desperte.

Que o xamã em mim respire.

Que o mundo em mim se mova.

Porque há uma força antiga reclamando passagem;
e eu sou apenas o corpo
que aceita ser atravessado”.

“Corpo-Passagem” – Hugo Andrade.

O primeiro capítulo configura-se como uma travessia autobiográfica, construída a partir da relação entre o meu corpo, marcado pela diferença desde a infância, e as experiências que o atravessaram. Produzo o desmonte da ilusão de uma infância neutra, demonstrando como infâncias dissidentes são atravessadas pela negação do presente e pela cobrança do futuro. Exponho meu corpo, sempre em disputa, como erro, como falha, como o limite aceitável para a família e a sociedade.

Foi essa disputa que possibilitou a experiência com as intensidades do mundo, permitindo mapear afetos, violências e linhas de fugas — que, futuramente, passam a compor aquilo que me constitui como pesquisador. Ao longo da trajetória da infância ao doutorado,

narro encontros e desencontros que moldaram minha *conciencia mestiza*¹ e meu modo de ver, pensar e sentir o mundo, a partir das fronteiras e dos limites produzidos pela colonialidade do ser e pensar. Narro, ainda, meu encontro com a esquizoanálise e com a teoria de fronteira, bem como o modo pelo qual a produção de uma escrita *mestiza* (sovada/amassada/misturada) afirma-se como resistência frente ao ato de tradução que a ciência hegemônica nos impõe.

Assim, a construção da figura do cartógrafo *mestizo* constitui-se como um gesto político de recusa da modernidade europeia: desobedecendo, emergo das bordas e fronteiras, com um pensamento feito de pontes, no qual minha própria existência se torna passagem.

No segundo capítulo, retorno às bordas desde onde sempre falei e nomeio, enfim, a ferramenta que me acompanha desde antes de eu saber que era método: as cartografias *mestizas*. Não cheguei a elas por escolha técnica, mas por necessidade vital. Seguir as processualidades do desejo, como aprendi com Rolnik, nunca foi, para mim, um exercício acadêmico; foi sobrevivência. Cresci aprendendo que não havia pureza possível — nem de sujeito, nem de teoria, nem de caminho. A *mestizaje* me atravessou antes mesmo de eu poder enunciá-la e, por isso, a cartografia só poderia nascer desse lugar: acompanhar mundos que se movem, corpos que inventam brechas, existências que não cabem no centro.

Na prática, esse percurso significou deslocar a esquizoanálise de sua casa eurocentrada e fazê-la caminhar comigo pelas bordas — onde alianças afetivas, como afirma Krenak, tornam-se a única forma honesta, ética e implicada de produzir conhecimento.

A cada passo, fui percebendo que, para descolonizar qualquer coisa — inclusive meu próprio modo de pensar —, era necessário adentrar o território da modernidade/colonialidade como quem retorna ao lugar do trauma. Revisitei a Matriz Colonial de Poder não como teoria abstrata, mas como estrutura que moldou minha carne, minhas rotas e a própria ideia de humanidade que me foi negada. Foi Mignolo quem me ajudou a compreender que penso desde a ferida, e Anzaldúa quem me ensinou a nomear o estado de *nepantla* — essa desorientação que, para mim, sempre foi o normal.

Habitar a fronteira é isso: sustentar o tremor e, ainda assim, escolher uma Identidade em Política que desobedece à gramática universal do ser. A desobediência tornou-se meu modo de respirar; desaprender a razão imperial/colonial, meu modo de seguir vivo.

¹ A expressão “*consciência mestiza*” é tomada aqui a partir de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, em que Glória Anzaldúa (2016) vincula a *la conciencia mestiza* à condição das *borderlands* (fronteiras geográficas e culturais). Considerando que, no Brasil, “mestiçagem” pode ativar leituras associadas à neutralização de conflitos raciais, vinculados à ideologia de democracia racial, é importante situar que nesta tese, o uso dos adjetivos “*mestizo* (a) / *mestizassem*” está vinculado ao núcleo do pensamento de Glória Anzaldúa, em que a subjetividade é produzida pela colisão e pelo entrecruzamento (racial, cultural, linguístico, sexual-político) próprios das *borderlands* (fronteiras), territoriais, subjetivas e culturais.

Por isso, ao afirmar que esta pesquisa se faz por meio de uma cartografia *mestiza* e desobediente, explico que foi necessário inventar o método enquanto caminhava. Inspirado pelas autohistórias de Anzaldúa e pela análise episódica de Grada, retornei às memórias de quem, como eu, cresceu em Jauru/MT nos anos 1990 — território marcado por neocolonização, agronegócio e silenciamento violento de corpos LGBTI+. As autohistórias aqui produzidas não são dados: são fragmentos vivos de mundos que quase não sobreviveram.

Mapear micropolíticas de gênero e sexualidade, localizar a presença contínua da LGBTIfobia e reconhecer as resistências e redes afetivas construídas para não morrer tornaram-se, simultaneamente, método e gesto de reparação. Nada disso coube em protocolos. Tudo se escreveu no encontro: com a memória, com a dor, com o desejo. Se há um método neste trabalho, ele pulsa como nós — inventado no exato instante em que a vida exige a criação de outro mundo possível.

Esta tese tem como objetivo mapear os processos de subjetivação de gênero e sexualidades em infâncias LGBTI+ vividas na cidade de Jauru/MT, na década de 1990, em um contexto histórico e territorial marcado pela colonização tardia do interior brasileiro. Parte-se do problema de compreender como as políticas de infância, articuladas à colonialidade e à cisheteronormatividade, produziram modos específicos de regulação, silenciamento e violência sobre essas infâncias, ao mesmo tempo em que engendraram formas singulares de resistência e desobediência à norma. A partir das memórias dessas experiências, a pesquisa problematiza a categoria normativa de “infância”, evidenciando os agenciamentos de normalização que atravessam família, escola, igreja e cidade, bem como as micropolíticas do desejo que permitem a invenção de territórios de existência. Nesse sentido, os objetivos específicos consistem em mapear as micropolíticas de gênero e sexualidades em infâncias dissidentes; analisar as manifestações da violência LGBTIfóbica nos contextos familiar, escolar, religioso e urbano; e identificar experiências de resistência, acolhimento e constituição de redes afetivas de suporte.

No terceiro capítulo, desloca-se o campo conceitual que sustenta a categoria “infância”, reposicionando-a no interior das disputas epistêmicas e ontológicas que atravessam a modernidade/colonialidade. Parte-se do pressuposto de que a infância moderna não emerge como um dado natural da experiência humana, mas como um dispositivo histórico articulado à Matriz Colonial de Poder, responsável por fabricar certos corpos infantis como portadores de futuro, ao mesmo tempo em que produz outros como vidas descartáveis, destituídas de direito epistêmico. Tal compreensão impõe uma inflexão metodológica: torna-se necessário abandonar a narrativa linear, universal e evolutiva da infância — reiterada tanto pelas genealogias clássicas

quanto pelos estudos desenvolvimentistas — para instaurar uma cartografia que reconheça raça, classe, gênero, sexualidade e território como linhas constitutivas da produção das “infâncias”.

Nesse deslocamento, realiza-se uma crítica genealógica desde a exterioridade, revisitando as narrativas hegemônicas sobre a origem da infância à luz da colonialidade. Ao tensionar Ariès, Foucault e a tradição psicopedagógica moderna, evidencia-se que a infância, quando capturada pelo dispositivo família–sexualidade, converte-se em mecanismo de normalização e administração da vida, modulando corpos infantis segundo os imperativos do projeto colonial-capitalista cisheteronormativo. A análise teórico-metodológica adotada, portanto, implica desobedecer ao quadro epistêmico que naturaliza tais dispositivos, reinscrevendo a infância nas redes de saber-poder que delimitam quem pode ser reconhecido como “criança” e quem permanece confinado à zona da abjeção.

No capítulo quarto, articulamos perspectivas de pensamento fronteiriço e epistemes indígenas para propor um deslocamento metodológico: pensar a infância como condição ontológica e epistêmica ativa, e não como etapa de falta. Com Ailton Krenak (2022), reaproximamos a criança da ideia de “*portadora de boas novas*”, existência que já chega ao mundo como potência inventiva; com Lucia Castro (2013), reinscrevemos a infância como estado de “*recém-chegada*”, metáfora metodológica que convoca o pesquisador a operar na chave da primeira vez, do assombro e da travessia *nepantla* (Anzaldúa, 1993). Assim, este capítulo estabelece as bases para uma política decolonial das infâncias e fundamenta o método cartográfico que orienta esta pesquisa: acompanhar infâncias como produtoras de mundos, reconhecer seu direito epistêmico e inscrever suas autohistórias como práticas desobedientes de criação de realidade.

Se, no quarto capítulo, o deslocamento ontológico e epistêmico da infância permitiu afirmá-la como potência inventiva — portadora de boas novas e recém-chegada ao mundo —, no quinto capítulo avanço para o exame das forças que operam na captura dessa potência. Ao adentrar a fábrica de mundos do inconsciente colonial-capitalístico, assumo que também eu sou produto e campo de batalha desse regime, o qual incide não apenas sobre as instituições, mas sobre os modos de sentir, desejar, temer e sonhar.

Esse movimento de passagem — da infância como potência à análise de sua captura — possibilita compreender como o desejo, desde cedo, é convocado a sustentar a conservação das formas vigentes, ao mesmo tempo em que insiste em produzir brechas de vida. Assim, o quinto capítulo aprofunda a articulação entre inconsciente, colonialidade e micropolíticas do desejo, acompanhando as tensões entre forças de normalização e linhas de fuga que atravessam as infâncias dissidentes.

No quinto capítulo, adentro de vez a fábrica de mundos do inconsciente colonial-capitalístico e assumo que também sou produto e campo de batalha desse regime. Ao me aproximar de Suely Rolnik (2016, 2018), deixo de tratar o inconsciente como um porão privado da psique e passo a compreendê-lo como um diagrama vivo de forças, no qual a vida inteira — a minha, a das crianças LGBTI+ de Jauru, a das famílias, das igrejas e das escolas — é continuamente capturada ou reinventada. Chamar esse regime de “*inconsciente colonial-capitalístico*” significa reconhecer que a colonialidade não opera apenas nas instituições, mas também nos modos de sentir, desejar, temer e sonhar: um inconsciente treinado para conservar o mundo tal como está, transformar a diferença em ameaça e converter vidas dissidentes em lixo descartável.

Ao escrever, revisito minha própria infância atravessada por esse regime e vou aprendendo a nomear o mal-estar que sempre me disseram ser “culpa minha” como efeito de uma política de subjetivação que necessita de corpos sacrificáveis para seguir existindo.

Trabalhar com as micropolíticas ativa e reativa do desejo permite-me escutar, nas infâncias, mais do que narrativas lineares de desenvolvimento: torna-se possível entrever, nos gestos mínimos, as escolhas forçadas e as invenções possíveis diante da cisheteronormatividade compulsória. Quando observo a família, a escola e a igreja em Jauru, não as tomo apenas como cenários; vejo nelas dispositivos que educam — no sentido mais duro do termo — para formatar crianças recém-chegadas em sujeitos cis, heterossexuais e brancos em potencial, adultos competitivos e disciplinados, prontos para manter o sistema.

Ao mesmo tempo, identifico brechas: momentos em que o desejo escapa, em que uma criança se recusa a caber na forma, em que o assombro da primeira vez produz outros gestos, outras alianças e outros mundos em germe. Entre educar e orientar, entre moldar e acompanhar, entre normalizar e inventar, vou localizando os pontos em que o desejo das infâncias dissidentes insiste em conservar a vida — mesmo quando tudo ao redor conspira para garantir apenas a conservação das formas.

É nesse entrelugar que as cartografias *mestizas* retornam com força, agora enredadas às autohistórias e às alianças afetivas. Ao escutar três homens gays, adultos, que viveram suas infâncias em Jauru nos anos 1990, não coletei “dados” sobre o passado; reconheço-me, antes, em rizomas de lembranças que atravessam tempos, espaços e corpos. As autohistórias produzidas em conjunto — em entrevistas não diretivas, em estado *nepantla*, desorientados nas fronteiras entre o então e o agora — tornam-se matéria para a composição de mapas episódicos: enquadres nos quais o regime do inconsciente colonial-capitalístico e suas

violências LGBTIfóbicas aparecem em ato, ao mesmo tempo em que se desenham linhas de fuga, resistências e invenções de si.

Nesse movimento, não busco hierarquizar experiências nem encaixá-las em escalas de opressão; o que me interessa é acompanhar como, em cada episódio, o desejo oscila entre políticas reativas e ativas, entre introjetar a culpa ou inventar outra forma de existir, entre sucumbir à desumanização ou afirmar, contra a norma, o direito epistêmico e existencial das infâncias LGBTI+.

Chegar a este último capítulo de análises é retornar, com o corpo inteiro, às infâncias que nos fizeram — as minhas, as de Ricardo e as de Walter — e às cartografias clandestinas que fomos desenhando para sobreviver à cisheteronormatividade compulsória e ao regime colonial-capitalístico que nos atravessou desde antes do nascimento. Ao revisitar nossas autohistórias, não estou apenas descrevendo memórias: estou reabrindo feridas, ativando estados de *nepantla* e deixando que a infância — essa condição vital de assombro, inexperiência e criação — volte a pulsar em mim enquanto escrevo. Aqui, não analiso “objetos”; deixo-me afetar pelas forças que nossas narrativas atualizam, sabendo que a análise só acontece porque também me expõe, me desloca e me devolve ao vivo que quase perdi.

Nas tramas que atravessam nossas histórias, encontro aquilo que Suely Rolnik (2016, 2018, 2021) descreve como o trabalho do inconsciente pulsional: o choque entre formas herdadas e forças que insistem em fazer nascer outros mundos. Desde muito cedo, aprendemos — cada um à sua maneira — que nossas existências eram “problemas” a serem corrigidos, contidos e moralizados. Ainda assim, cada um de nós encontrou fissuras. Ricardo, nas amigas que reinscreveram o insulto como afirmação; Walter, na fanfarra que abriu uma fresta para respirar; eu, na teoria, que me deu linguagem para transmutar o inferno em política de escrita. Esses pontos de fuga não apagam a violência, mas a atravessam: são micropolíticas vivas que mostram que o desejo, mesmo capturado, nunca deixa de vibrar. Ao acompanhar essas linhas, percebo como nossas trajetórias expõem os múltiplos modos pelos quais o regime colonial-racista-cisheteronormativo opera e, ao mesmo tempo, os modos pelos quais ele falha — porque não consegue impedir que a vida se mova.

Cruzar nossas histórias, lado a lado, não é buscar universalizações sobre o que seria “*uma infância gay*”; é, justamente, recusar esse enquadramento. Trata-se de perceber que atravessamos um mesmo diagrama de poder — família, escola e igreja —, mas com intensidades, feridas e privilégios distintos. Trata-se, também, de compreender que raça, classe, território, religião e gênero modulam, de maneiras desiguais, o grau da violência e as condições de possibilidade das fugas. Ainda assim, ao colocar as três autohistórias em relação, algo se

ilumina: o desejo não é uma falta nem um defeito, mas uma força que pode ser capturada, retraída ou reativada.

A análise que apresento neste capítulo nasce desse entrelugar de *lo mestizo*: um gesto de consciência fronteiriça que fala a partir das margens da colonialidade e da infância que permanece em mim. É desse lugar que leio as micropolíticas do desejo nas nossas narrativas: para desmontar a pedagogia do inferno, afirmar outras formas de existir e imaginar mundos em que as crianças dissidentes não precisem primeiro sobreviver para, só depois, viver.

Esta tese nasce como uma travessia entre infâncias feridas e potências inventivas, buscando compreender como a cisheteronormatividade compulsória e a colonialidade produzem subjetividades dissidentes — e como essas mesmas subjetividades criam brechas de vida, mesmo quando tudo ao redor parecia pedir silêncio. Ao assumir uma escrita *mestiza*, autobiográfica e fronteiriça, busquei articular esquizoanálise, decolonialidade e autohistória para acompanhar as micropolíticas do desejo em três trajetórias de meninos gays do interior de Mato Grosso, nos anos 1990.

Se, por um lado, a pesquisa desvela as linhas duras do inconsciente colonial-capitalístico e a pedagogia do inferno que molda as infâncias, por outro, evidencia que o desejo não se rende facilmente: ele encontra amigas, fanfarras, teorias e afetos para se reinventar. As análises aqui apresentadas são, portanto, tanto cartografia quanto testemunho — e apontam para a urgência de imaginar políticas do desejo que não sejam mera gestão da norma, mas afirmação radical das vidas dissidentes.

O caminho que se abre a partir daqui não é de fechamento, mas de continuidade: que outras pesquisas possam ampliar aquilo que pude apenas tocar — outras infâncias, outras configurações de gênero, outras racializações, outros mundos —, mantendo vivo o compromisso ético e político com aqueles que ainda atravessam a fronteira, em estado de *nepantla*, buscando seu próprio modo de existir.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de cruzamento entre as três trajetórias não buscou sintetizar, nem propor um modelo explicativo, mas produziu um campo de análise situado no entre-lugar — *nepantla* — onde memória, desejo e colonialidade permanecem em tensão produtiva, orientando o gesto metodológico que sustenta esta conclusão.

Do ponto de vista teórico-metodológico, considero um mérito desta pesquisa a invenção e o uso de cartografias *mestizas* como gesto de desorganização do cânone, de desorientação das teorias e de recusa a alinhamentos lineares entre autores e tradições modernas hegemônicas. Não se trata de “integrar” conceitos, mas de colocá-los em fricção para que se desloquem mutuamente produzindo uma reorganização a partir da desorientação: o inconsciente pulsional e as políticas do desejo (Rolnik, 2016; 2018), a colonialidade do ser e seus regimes diferenciais de humanidade (Mignolo, 2008a; 2008b; 2015; 2017; Lugones, 2008, 2017), o estado *nepantla* e as autohistórias como escrita que se produz desde a fronteira (Anzaldúa, 1993) e a análise episódica como método de tornar visível a violência cotidiana e estrutural (Kilomba, 2019).

É dessa fricção que emergem os mapas episódicos: não como representação do vivido, mas como dispositivo de acesso às forças que agitam as infâncias e às formas que tentam estabilizá-las. Pesquisar, nessas fronteiras, não é explicar de fora: é acompanhar, ser afetado e produzir conhecimento na encruzilhada entre o vivido e o pensado como elaboração situada, onde a teoria deixa de ser moldura e passa a ser parte do próprio acontecimento analítico.

Reconheço, no entanto, limites que não são simples ausências, mas delimitações situadas desta cartografia. O material de trabalho foi composto por três narrativas, de memórias de infâncias, masculinas dissidentes de uma mesma cidade do interior de Mato Grosso; isso abre caminho para pesquisas futuras com infâncias lésbicas, bissexuais, transsexuais, travestis, transgêneros, intersexo e outras dissidências, bem como com crianças que hoje vivem a infância em contextos digitais e urbanos distintos dos anos 1990. Outro limite diz respeito às intersecções raciais: embora a tese toque esse ponto, ainda há muito a investigar sobre como a racialização produz gradações específicas tanto de violência quanto no oferecimento de cuidado e de possibilidades de fuga.

Entendo também que é fundamental acompanhar infâncias no presente — não apenas por rememoração adulta —, o que exigiria metodologias outras, mais cuidadosas e radicalmente compartilhadas, especialmente em um momento histórico em que direitos da população LGBTI+ já conquistados vêm sendo sistematicamente atacados. Esses limites não

diminuem o alcance do trabalho; ao contrário, explicitam o campo de disputa em que esta tese se inscreve e as urgências e emergências que ela convoca.

Por fim, reconheço o limite mais íntimo: esta tese é também uma ferida aberta. Escrever foi atravessar novamente violências familiares, religiosas e institucionais; foi reencontrar o menino que fui; foi me permitir sentir vergonha, raiva e tristeza — e, ainda assim, transmutar tudo isso em linguagem. Quero radicalizar, no entanto, um ponto: não foi a teoria como abstração que me sustentou. O que me manteve foi a teoria como prática coletiva de sobrevivência, como arquivo de vozes, gestos e alianças que atravessam gerações e territórios, como companhia produzida por autorias dissidentes que inventaram língua onde antes havia silêncio. A teoria, nesse sentido, não funciona como refúgio individual, mas como tecnologia comum que torna possível reinscrever o indizível, desnaturalizar a violência e imaginar outros mundos. E quando nem mesmo a teoria foi suficiente, a poesia apareceu — não como ornamento, mas como modo de viver, como linguagem possível para a ferida aberta. Esses limites não diminuem o alcance do trabalho; ao contrário, explicitam o campo de disputa em que esta tese se inscreve e as urgências que ela convoca — não apenas no plano analítico, mas no próprio corpo de quem escreve.

Ao longo desta tese, torna-se visível que as infâncias dissidentes são atravessadas por um regime no qual certos corpos, por não caberem na gramática moderna de gênero, sexualidade e humanidade, tornam-se alvos privilegiados de violência. Corpos fora da gramática são corpos expostos à correção, ao silenciamento e à eliminação, sobretudo quando inscritos em territórios colonizados, onde a diferença não é reconhecida como potência, mas administrada como erro. A violência, nesses contextos, não incide por acaso nem por desvio individual: ela opera como tecnologia de governo destinada a reinscrever esses corpos nos limites do dizível, do aceitável e do humano. Nomear esse regime é parte do gesto decolonial que esta tese assume, pois torna possível deslocar a violência do campo da exceção para o campo das estruturas que a produzem e a sustentam (Lugones, 2014; Kilomba, 2019). O uso de “gramática” para nomear o regime que define quais corpos são inteligíveis como humanos é estratégico: os corpos dissidentes aparecem como fora dessa gramática, e é justamente essa exterioridade que os expõe à violência nos territórios colonizados.

Talvez seja esse o gesto mais decolonial: transmutar a dor em linguagem, a ferida em mapa, o silêncio em grito — não para fechar a cicatriz, mas para impedir que ela siga sendo administrada pela norma como destino, governada pela cisheteronormatividade que insiste em nos querer previsíveis. Se esta tese conseguir abrir uma fresta, ainda que mínima, para que outras infâncias dissidentes não precisem primeiro aprender a sobreviver para, só depois, ousar

existir, então ela terá cumprido sua tarefa. O restante — as continuidades, as pesquisas que ainda virão, as alianças por fazer — pertence àqueles que, como nós, habitam a fronteira e persistem em inventar mundo: ao povo futuro que, ainda sem língua suficiente, haverá de forjar novas línguas, desenhar outras paisagens e construir pontes de passagem para novas expressividades, outros mundos e outras formas de existir.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Hugo Higino Perez. **Psicologia e a crítica feminista: do percurso teórico-metodológico à prática**. 1a ed. Curitiba: Appris, 2020.

ANDRADE, Hugo Higino Perez; PERES, William Siqueira; SOUZA, Leonardo Lemos. Uma criança pode ocupar a borda? “MEU DEUS O QUÊ VEM POR AÍ NÉ?”: os efeitos do encontro entre infância e sexualidade. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (Org.). **Gênero, cidadania e educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. v. Marília: Oficina Universitária p. 303.

ANGELIDES, Steven. Historical Perspectives on Childhood Sexuality. **Journal of Homosexuality**, v. 46, n. 1–2, p. 79–109, 2004.

ANZALDÚA, Gloria. Border arte: Nepantla, el lugar de la frontera. In: CHÁVEZ, Patricio; GRYNSZTEJN, Madeleine (Eds.). **La Frontera = The border: art about the Mexico/United States border experience**. San Diego, CA: Centro Cultural de la Raza; The Museum of Contemporary Art, San Diego, 1993. p. 107–114.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La frontera**. Tradução: Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing, 2016.

ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 39, n. Dossiê: Difusão da língua portuguesa, p. 297–309, 2009.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229–229, 2000.

ARAYA, Natalie Guerra. Representaciones del cuerpo-niño: Desprotección y violencia en Chile colonial. In: **Nuevas miradas a la historia de la infancia en América Latina: entre prácticas y representaciones**. Serie Historia moderna y contemporánea. 1a ed. México, D.F: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI/UnB, 2012. p. 63–89.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BAKHTIN, Michail Michajlovič. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 7ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail Michajlovič. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. p. 52–75.

BRAIDOTTI, Rosi. **Lo posthumano**. Tradução: Carlos Vitale. 1a ed. Barcelona: Gedisa, 2015.

BURMAN, Erica. **Deconstructing Developmental Psychology**. 2. ed. London: Routledge, 2008.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2019a.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019b.

CARVALHO, Cíntia De Sousa et al. Direitos sexuais de crianças e adolescentes: avanços e entraves. **Psicologia Clínica**, v. 24, n. 1, p. 69–88, 2012.

CASTRO, Lucia Rabello de. **O futuro da infância e outros escritos**. 1a ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. 2. ed. New York: Routledge, 2000

CORSARO, William A. **The Sociology of Childhood**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

Crenshaw, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991.

Dossiê de Mortes e Violências Contra LGBTI+ no Brasil 2023. Florianópolis, SC: Acontece - Arte e Política LGBTI+; ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais; ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos), 2024. Disponível em: <<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2024/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2023-ACONTECE-ANTRA-ABGLT.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

FAVERO, Sofia. **Crianças trans**. [S.l.]: Editora Devires, 2020.

FLANDRIN, Jean-Louis. **O Sexo e o ocidente**. Tradução: Jean Progin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975- 1976)**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 1a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; Tradução: J. A. Guilhaon Albuquerque. 13a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 39ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FRANCKE, Marfil. Género, clase y etnia: La trenza de la dominación. In: DEGREGORI, Carlos Iván; FRANCKE, Marfil (Orgs.). **Tiempos de ira y amor. Nuevos actores para viejos problemas**. Lima: Desco, 1990. p. 77–106.

GARCIA, Regina Leite. Infância, experiência e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 5–17, 2002.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: **História Da Vida Privada 3: Da Renascença Ao Século Das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 305–320.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias del deseo**. 1ª ed. Madrid: Traficantes de Sueños, 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41, 1995.

JAMES, Allison; PROUT, Alan (org.). **Constructing and Reconstructing Childhood**. London: Falmer Press, 1990.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. p. 32–51.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. 1a ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida é selvagem**. Biosfera: Dantes Editora, 2020b.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2020c.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1a ed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2a ed. São Paulo: Companhia das letras, 2020a.

LANSKY, Samy; GOUVÊA, Maria Cristina Soares De; GOMES, Ana Maria Rabelo. Cartografia das infâncias em região de fronteira em Belo Horizonte. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 128, p. 717–740, set. 2014.

LIEBEL, Manfred. **Children's rights from below: cross-cultural perspectives**. London: Palgrave Macmillan, 2012.

LIEBEL, Manfred. **Decolonising childhoods: from exclusion to dignity**. Bristol: Policy Press, 2020.

LUGONES, María. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, n. 9, p. 73–101, 2008.

LUGONES, Maria. Heterossexualismo e o sistema de género colonial/moderno. **Hipácia**, v. 22, n. 1, pág. 186-219, 2007.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935–952, 2014.

MARCHI, Rita De Cássia. **Gênero, infância e relações de poder**: interrogações epistemológicas. *Cadernos Pagu*, n. 37, p. 387–406, 2011.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade**: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1–18, 2017.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 01, p. 287–324, 2008b.

MIGNOLO, Walter D. **Habitar la frontera**: sentir y pensar la descolonialidad (antología, 1999-2004). Barcelona: Edicions Bellaterra, 2015.

MIGNOLO, Walter D. **Novas reflexões sobre a “idéia da América Latina”**: a direita, a esquerda e a opção descolonial. *Caderno CRH, Dossiê*. v. 21, n. 53, p. 239–252, 2008a.

MORAES, Patricia Maccarini, et al. Familismo e política social: aproximações com as bases da formação sócio-histórica brasileira. *Revista de Políticas Públicas*, v. 24, n. 2, p. 802–818, 27 dez. 2020.

Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil: relatório 2021. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2024/02/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2025.

MOTT, Luiz. Observatório 2024 de Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil, Grupo Gay da Bahia. Bahia: GEDOC, 2025. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/2025/01/Observatorio_2024_de_Mortes_Violentas_de_LGBT-release-20-jan.-2024.pdf>. Acesso em: 19 out. 2025.

MÜLLER, Fernanda. Crianças, culturas infantis e cotidiano. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 647–664, 2014.

PERIPOLLI, Odimar J. **Amaciando a terra: o Projeto Casulo: um estudo sobre a política educacional dos projetos de colonização do Norte de Mato Grosso**. Dissertação de Mestrado—Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

PRECIADO, Paul B. Um **apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2021.

QUAGLIATTO, Tassiana Machado; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. A Infância Marginal e o Governo do (Im)Possível. **Revista Subjetividades**, v. 18, n. 1, p. 44–55, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201–246.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11–20, 1992.

QVORTRUP, Jens et al. (org.). **Childhood Matters**. Aldershot: Avebury, 1994.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo ch'ixi es posible**: ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia zumbi**. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2021. (Coleção Lampejos).

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2a ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROSE, Nikolas. **Governing the Soul**. 2. ed. London: Free Association Books, 1999.

SALGADO, Raquel Gonçalves; SOUZA, Leonardo Lemos. Gêneros, sexualidades e infâncias: Cenas de crianças na contramão da inocência. **childhood & philosophy**, v. 14, n. 29, p. 241–258, 2018.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância. In: SARMENTO, M. J.; PINTO, M. (org.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 2003. p. 17–38.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Para uma cartografia de infâncias queer no currículo escolar. **Revista Educação em Questão**, v. 57, n. 54, p. 1–21, 2019.

SOSENSKI, Susana; ALBARRÁN, Elena Jackson (ORGS.). **Nuevas miradas a la historia de la infancia en América Latina**: entre prácticas y representaciones. 1ª ed. México, D.F: Universidad Nacional Autónoma de México, Inst. de Investigaciones Históricas, 2012.

SOUZA, Leonardo Lemos; GONÇALVES, Raquel Pereira; ANDRADE, Hugo Higino Perez. Infâncias, corpos e políticas de gêneros e sexualidades nos sistemas de proteção e educação no Brasil. In: **Psicologia, Discursos e Educação: Processos de Subjetivação, Relações de Poder e Práticas Formativas**. Santo Ângelo, RS: Editora Ilustração, 2025. p. 43–66.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (org.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. Urbana: University of Illinois Press, 1988. p. 271–313.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. Tradução: Max Altman. 1a ed. São Paulo: Editora 34, 2002.

STOCKTON, Kathryn Bond. **The Queer Child**. Durham: Duke University Press, 2009.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias; Tradução: Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WALKERDINE, Valerie. **Daddy's Girl**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, descolonización del Estado y del conocimiento**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Abya-Yala, 2009.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WYNTER, Sylvia. **Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom**. CR: The New Centennial Review, v. 3, n. 3, p. 257–337, 2003.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. [S.l.]: Sinergia, 2009.